

ACHORION GALLINAE (MÉGNIN-SABRAZÈS, 1890-93)

Caso de infestação humana espontânea

NICOLAU ROSSETTI

Prof. catedrático da Escola Paulista de Medicina. Biologista-chefe do Instituto Adolfo Lutz

Em Fevereiro de 1938 apresenta-se à Consulta de Pele do Instituto de Higiene uma escolar portadora de lesão cutânea do rosto. Trata-se de menina de 8 anos de idade, branca, brasileira, em bom estado de saúde geral. Sua queixa diz respeito ao aparecimento de uma placa circunscrita, localizada ao nível da região malar esquerda. Essa alteração cutânea, que começara como ponto insignificante, foi ganhando dia a dia em extensão. No momento do exame, cerca de uma semana após o início, era de se observar, na sede já referida, uma lesão mais ou menos ovalar, com $1 \times 1\frac{1}{2}$ cm. de diâmetro, seca, eritemato-escamosa, bem delimitada por borda nítida. Esta desenhava o aspeto de fina moldura de cor vermelha inflamatória bastante acentuada. Enfim, lesão com as características de "*herpes circinado da pele glabra*", igual a de inúmeros casos que aqui entre nós determina o *M. felineum*; igual mas não idêntica se se tomar tento na maior acentuação do componente inflamatório. Estabelecido o diagnóstico de epidermomicose e confirmado por exame microscópico de algumas escamas, procurou-se colher dados epidemiológicos capazes de indicar a fonte do contágio. Resultou não haver na família e suas relações e nem na vizinhança outro caso idêntico. A paciente não possuía cão ou gato, só tendo tido em seu quintal galinhas, das quais a mãe se desfizera dias antes, conservando apenas uma. Foi referido também que a criança costumava brincar com essas aves, tendo mesmo o hábito de afagá-las contra o rosto, fato esse que provocara reiteradas advertências da mãe.

Depois de retirada, mediante raspagem, maior quantidade de escamas para sementeira, receitou-se à paciente álcool iodado a 1% para fricção local, medicação essa que curou a pequena lesão em cerca de duas semanas.

IDENTIFICAÇÃO DO COGUMELO

A identificação do cogumelo foi a principio trabalhosa. Por se tratar de caso típico de herpes circinado da pele glabra, comum entre nós e quase sempre devido ao *M. felineum*, ficamos surpreendidos ao verificar o crescimento, nos meios de cultura, de colônias cujo aspeto não lembrava em nada nenhum dos cogumelos das tinhas que estamos habituados a encontrar no nosso ambiente como parasitos de indivíduos humanos.

A observação cuidadosa do aspeto macroscópico das diversas culturas e a lembrança de que entre os dados epidemiológicos havia uma referência explícita a contato com aves domésticas, sugeriu-nos a conveniência de colocar os tubos na estufa a 30° C. Pudemos constatar nessas condições o aparecimento de um pigmento rosa que da cultura difundiu-se para o meio corando-o em rosa framboesa, o que é uma das caraterísticas do *Achorion gallinae*, ou melhor como diz Sabouraud (1), “*é um carater exclusivo dessa cultura em toda a série dos Dermatófitos*”.

Já melhor orientados procedemos ao estudo desse fungo nas condições de temperatura que lhe são mais propícias notando minuciosamente suas caraterísticas macroscópicas; fizemos em cultura sobre lâminas o estudo de seus atributos micológicos; não descuidamos da parte propriamente experimental inoculando-o em galináceos e mesmo “*in anima nobile*”; obtivemos, das inoculações, retroculturas absolutamente iguais às do material primitivo. De todas essas pesquisas, que abaixo vão relatadas, pudemos concluir com absoluta certeza ser o *Achorion gallinae* o cogumelo isolado.

CULTURAS

Estudo macroscópico de culturas. Em meio de prova. — Dado que o *A. gallinae*, ao contrário dos outros Dermatófitos (com exceção do *T. album*), precisa ser estudado também em temperatura outra que a do ambiente, damos aquí lado a lado a observação do desenvolvimento de culturas em meio de Sabouraud maltosado, mantidas em duas condições diversas: na estufa a 30° C. e em temperatura de laboratório.

ESTUFA 30° C.

- 4.^o dia — A cultura é penugenta, branca de neve, com tamanho e forma de cabeça de alfinete grande.
- 6.^o dia — Disco penugento de 14 mm. de diâmetro, com aspeto de arminho de pó de arroz, convexo, bem alvo.
- 8.^o dia — Aparece no centro do disco, que agora tem 18 mm. de diâmetro, uma depressão arredondada da qual partem, em direção radiada, sete sulcos que na maioria alcançam a periferia do disco.
- 11.^o dia — Disco de 32 mm. de diâmetro, recoberto de penugem alva bem curta. O centro, na extensão de uma lentilha, é deprimido e dele partem 15 sulcos radiados, relativamente profundos, que dividem a superfície do disco em setores triangulares. Dorso da cultura de cor rósea escura.
- 17.^o dia — A cultura é agora um grande disco arredondado, de 45 mm. de diâmetro e ocupa quase totalmente o fundo do balão de Erlenmeyer. Sua superfície, que anteriormente só tinha o umbigo central e os sulcos radiados regularmente dispostos, começa a convulsionar-se. Os gomos entre os sulcos tornam-se irregulares tomando um aspeto algum tanto cerebri-forme. Aparecem também no centro algumas rupturas que emprestam à colônia aspeto fenestrado.

TEMPERATURA DE LABORATÓRIO

- 4.^o dia — Mesmo aspeto, porem as dimensões são cerca da metade.
- 6.^o dia — Mesmo aspeto. Diâmetro de 6 mm.
- 8.^o dia — Disco muito menor que o da cultura em estufa; só tem 7 mm. de diâmetro. Não mostra ainda os sulcos radiados, mas somente a depressão central em forma de umbigo.
- 11.^o dia — Mais ou menos o mesmo aspeto da cultura em estufa. Diâmetro, porem, bem menor: cerca de 12 mm.
- 17.^o dia — Aspeto semelhante ao da cultura em estufa. Diâmetro de 22 mm.



FIG. 1

Achorion gallinae — Cultura de 23 dias em
balão, meio de prova maltosado.

23.^o dia — A cultura cobre todo o fundo do balão de Erlenmeyer. Sua superfície deixa ver, além do que foi anotado precedentemente, alguns leves sulcos transversais que cortam paralelamente as elevações cerebriformes. A mais, a superfície de cultura deixa perceber duas zonas de cores diferentes: uma central, de cerca de 2 cm. de diâmetro, tingida de cor rósea pálida, de tonalidade muito delicada; e outra periférica de cor branca levemente parda, que envolve a primeira. O aspeto da superfície da cultura é agora acartonado. O meio sobre o qual se desenvolve a cultura mostra-se invadido por um pigmento rosa que lhe empresta uma cor de geleia de framboesa.

23.^o dia — Aspeto semelhante ao de cultura em estufa. Não há, porem, presença de pigmento rosa, a não ser em algumas raras culturas, nas quais, entretanto, a coloração é apenas esboçada e somente circunscrita à sua zona central. Na maioria estas são acartonadas, e de cor branca levemente acinzentadas. A figura n.^o 1 dá-nos uma reprodução exata do aspeto da cultura nesse estágio.

Aparecimento do pigmento nas culturas de A. gallinae — Para a observação do pigmento deste cogumelo, verificamos não ser o meio de prova maltosado o melhor. Como para outros cogumelos que formam pigmento, este desenvolve-se mais frequente e rapidamente, e em maior quantidade, no meio de prova glicosado. Em meio deste tipo, estando a cultura de *A. gallinae* em estufa a 30° C., vimos aparecer o pigmento rosa framboesa na superfície da cultura já no 5.º dia, para, no 7.º dia, ganhar a espessura do meio e difundir-se nele.

Fora da estufa, mesmo com glicose, isso não se dá. Sem embargo o pigmento pode-se formar mas muito tardiamente e circunscrito só ao dorso da cultura que se tinge de amarelo misturado de róseo. Às vezes, em alguns tubos, lá para o 17.º dia, invade muito pouco e em pequena profundidade a espessura do meio dando a este, nesse ponto, o aspeto de ambar de uma cor rósea desbotada.

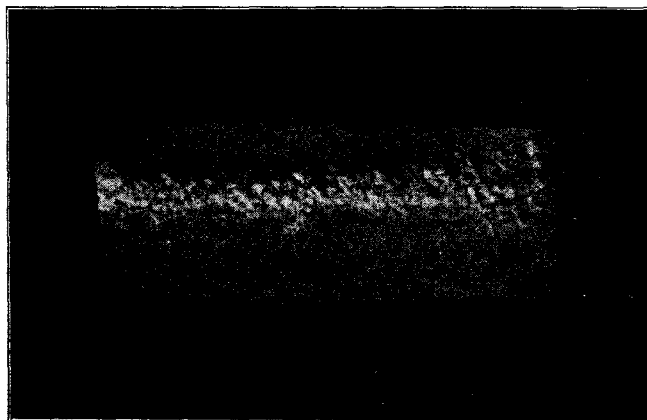


FIG. 2

Achorion gallinae — Cultura em batata. — 22.º dia.

Cultura em batata simples e glicerínada — No 4.º ou 5.º dia, no lugar em que se fez a estria de sementeira, começam a aparecer pequenas colônias ligeiramente elevadas, arredondadas umas, outras alongadas, algumas isoladas, outras confluentes, que formam em conjunto uma fita estreita e irregular com aspecto de baixo-relevo sobre a superfície da batata. Essas elevações são recobertas de penugem curta, bem alva. Cerca de uma semana mais tarde, aproximadamente no 12.º dia, as elevações se acentuam e perdem sua penugem alva. Vê-se então uma larga estria alta, montuosa e mesmo vermiculada e cerebriforme, tingida de branco ligeiramente acin-

zentado e mesmo róseo em alguns pontos. A *figura n.º 2* nos mostra esse mesmo aspeto, um pouco mais desenvolvido, de uma cultura fotografada no 22.º dia.

Cultura em meio de conservação — Em meio de peptona a 4% as culturas tomam no fim de uma semana a aparência de disco com cerca de $\frac{1}{2}$ cm. de diâmetro, de superfície feita de penugem branca, bem curta. A borda da cultura tem um matiz levemente amarelado; o dorso é de cor amarelo-ovo com um ponto pardo no centro.

Observadas de uma semana a dez dias mais tarde, e daí para diante, as culturas em meio de conservação podem se mostrar no mesmo tubo sob dois aspetos, como é de se ver na *figura n.º 3*.

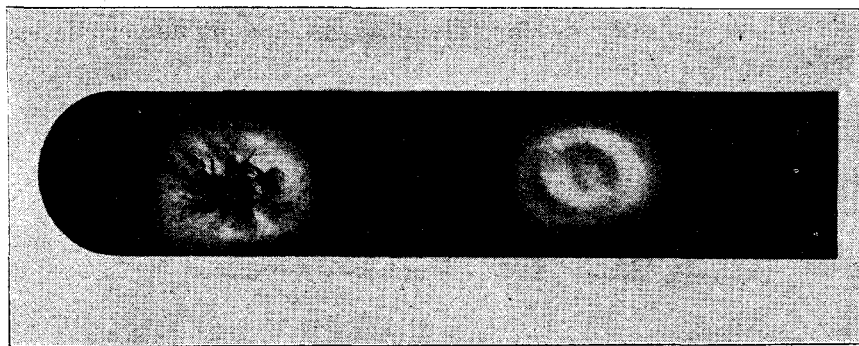


FIG. N.º 3

Achorion gallinae — Cultura em meio de conservação — 37.º dia.

1.º) Na parte alta do tubo, devido talvez à menor quantidade de meio e consequentemente ao seu menor grau de umidade, a colônia cessa de crescer ficando com o aspeto de botão de peitilho de camisa, ou melhor de cratera. Seu diâmetro é de cerca de 7 mm.; sua superfície é branca, feita de penugem muito baixa, como um tecido de pelo curto. De um certo modo essa espécie de cultura lembra as do *T. crateriforme*; mas não fica, como estas, acartonada e pulverulenta.

2.º) Na parte baixa do tubo (*figura n.º 3*) o disco de cultura continua a desenvolver-se; sua superfície se estende elevando-se em plicas, formando assim elevações e sulcos que dão ao conjunto um aspeto movimentado, irregularmente cerebriforme, cortado de fi-

nas rupturas. O dorso da cultura toma cor amarela pardacenta, mais ou menos carregada.

Aspetto microscópico das culturas — O aspeto propriamente micológico foi observado em culturas sobre lâminas, preparadas segundo o método de Rivalier e Seydel. Em cerca de 20 dias as culturas assim feitas alcançam aproximadamente 17-18 mm. de diâmetro. Foram fixadas, colodionadas e tingidas com "bleu-coton" a 1/2%. Mostram-se constituídas de filamentos de espessura desigual com expansão radiada do centro para a periferia, filamentos esses, que se ramificam emaranhando essas ramificações umas com as outras. Muitos dos filamentos mais finos, especialmente os dispostos não horizontalmente mas perpendicularmente, isto é, os aéreos, trazem *aleurias piriformes*, presas diretamente de um lado e do outro do tirso, e *fusos* em forma de clava divididos em lojas no numero de um a cinco. (*Figura n.º 4*).

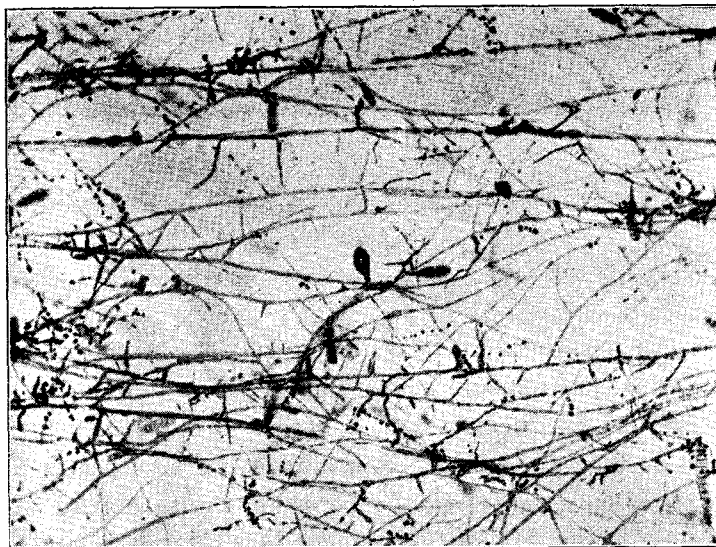


FIG. 4

Achorion gallinae — Cultura sobre lâmina, 20.º dia. Aumento 280 x. Vê-se, como órgãos diferenciados, fusos e aleurias.

A *figura n.º 5* nos dá uma representação fotográfica de filamentos com aleurias piriformes; e a *figura n.º 6* mostra-nos, em grande aumento os detalhes de um fusos com cinco lojas.



FIG. 5

Cultura, sobre lâmina, de *A. gallinae* — Filamento miceliano com afeurias laterais. Aumento 500 x.

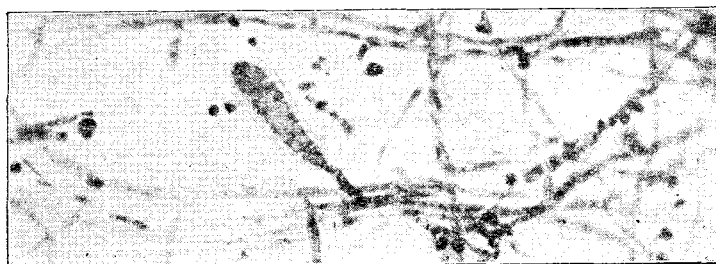


FIG. 6

Cultura, sobre lâmina, de *A. gallinae* — Fuso com cinco lojas. Aumento 1000 x.

INOCULAÇÃO EXPERIMENTAL

Em animais — Praticamos a inoculação do cogumelo em dois galos novos. O material que serviu para inoculação foi retirado de cultura em meio glicosado e de outra em meio de conservação; a primeira com 26 e a segunda com 27 dias de idade. Em um dos galos inoculou-se também um fragmento de escama obtida da lesão primitiva do doente.

A técnica de inoculação foi de um modo geral a seguinte: fricção de partículas de cultura sobre pele previamente traumatizada de certas regiões como crista, barbeta, parte da face situada logo atrás do bico. Além disso, em um dos galos, inoculamos uma área de pele do flanco, enxertando fragmentos de cultura em óstios foliculares dos quais tínhamos previamente arrancado as penas; no outro animal enchemos o conduto auditivo, ligeiramente escarificado, com material de cultura.

A observação dessas aves fez-nos notar que no 4.^o dia já haviam desaparecido as lesões traumáticas, tomando, a pele das regiões em apreço, aspeto normal. Só no 11.^o dia é que se constatou, nos pontos inoculados, sinais de descamação esbranquiçada. Essas alterações epidérmicas ganham dia a dia em extensão e intensidade e já no 15.^o dia é de se ver, logo atrás do bico de uma das aves, uma pequena placa, das dimensões de grão de milho, arredondada e recoberta de finíssimas escamas brancas semelhantes a minúsculas partículas de gesso. Pouco a pouco a crista, as partes laterais da cabeça proximas do bico, as barbelas vão ficando salpicadas ou de numerosas escamas-crostas nitidamente redondas do tamanho e forma de cabeça de alfinete, ou, por confluência destas, de amontoados e ilhotas de uma massa de aspeto gessoso. A figura n.^o 7 representa esse estágio, cerca de 3 a 4 semanas a contar do dia da inoculação.

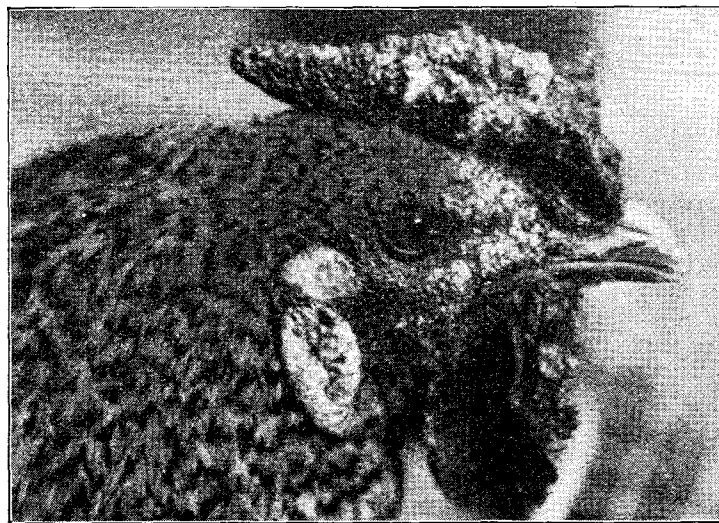


FIG. 7

Galo inoculado com *A. gallinae* — Na face, logo atrás do bico, pequenas lesões em forma de "godets" isolados; na crista, lesões da mesma natureza confluídas em placas crostosas.

Quanto à cor desse induto escamo-crostoso devemos dizer que ficamos surpreendidos ao verificar não ser ela a mesma nos dois animais inoculados. Num dos galos as lesões são brancas ou brancas acinzentadas e conformes nisso e no mais à descrição clássica feita por *Sabouraud* (1); justificam bem, pelo seu aspeto de con-

junto, a denominação vulgar de “crista branca” que em geral se dá ao favo das aves. No outro galo, no entanto, já a cor é diferente: a princípio branca amarelada, torna-se com o tempo, ou já o é de início, *amarela mais ou menos intensa e mesmo amarela-enzofre*.

A diferença de cor era de indiscutível evidência, mas as retro-culturas feitas repetida e comparativamente com material de cor diversa deram sempre o mesmo cogumelo com todas as características do *A. gallinae*.

Não encontramos referências a esse fato em trabalhos de autores estrangeiros.

Entre nós, J. Reis e P. Nobrega, no ótimo “*Tratado de doenças das aves*” (2) descrevem o favo aviário como “infecção da pele caracterizada pelo aparecimento de placas branco-acinzentadas...”, de acordo, pois, com a observação clássica habitual; *Mastrofrancisco* (3) fala de uma cor branca nacarada muito particular. Pertence, a nosso ver, a Octavio de Magalhães e Aroeira Neves a primeira notação dessa curiosa variante de cor das crostas do favo das galinhas. Com efeito, esses autores, em excelente contribuição para o estudo dos cogumelos em Belo Horizonte (4), referindo-se a um galináceo parasitado pelo *A. gallinae* assim se expressam: “*O aspeto da crista, insistimos muito particularmente nisto, não era o de manchas brancas. A cor amarela de ouro velho era manifesta. Verificamos mais tarde, pela experimentação, que essa cor se apresentava desde o início das lesões. As escamas, o bulbo das penas, as cristas, tinham declaradamente esta cor. A moléstia seria antes “crista amarela”, que branca — do galináceo...*” Com esta descrição concorda uma observação de Cesar Pinto (5).

Para terminar a observação macroscópica das nossas inoculações experimentais devemos ainda acrescentar que as pequenas penas situadas nas faces das aves, na imediação das lesões, foram também atacadas pelo cogumelo. Este formava, em torno delas, ao nível da pele, um tecido miceliano com aspeto de crosta anular. Nos flancos das aves os pontos foliculares enxertados evoluíram criando lesões circinadas tricofitóides.

Inoculação sobre pele humana — Praticamos esta na pele glabra do braço e do dorso de duas meninas de 13 anos e de uma moça de 26 anos de idade. Como material de inoculação serviram

fragmentos de escama-crosta retirada previamente das lesões experimentais dos galos. Esses fragmentos foram aplicados sobre área cutânea levemente traumatizada mediante fricção com a borda de uma lâmina esterilizada. Todas as inoculações resultaram positivas, evoluindo do modo que abaixo vai descrito. Não nos descuidamos de fazer retro-culturas com material das lesões experimentais humanas assim obtidas; todas elas deram colônias de *A. gallinae*.

Evolução das inoculações — O aspecto morfológico das lesões foi o mesmo nas três pessoas inoculadas; a evolução, no entanto, foi mais rápida e menos limitada em uma das pessoas do que nas outras duas. Assim é que, enquanto nestas só no 6.º dia era de se ver uma alteração epidérmica lenticular, naquela esse mesmo tipo de lesão já tinha sido visto no 3.º dia. Em todas, porém, o aspecto foi sempre o de *herpes circinado de pele glabra*, mais ou menos bem definido; em outras palavras lesão ovalar, eritêmato-pitiriásica, emoldurada por uma borda em fita, vermelha viva, um pouco sobrelevada, borda essa crivada de pequeníssimas vesiculopústulas amarelas claras ou de minúsculas crostinhas pardacentas. Não conseguimos provocar a formação de “godets” visíveis a olho nú, como, aliás, também se deu com Sabrazès (6). As placas eritêmato-escamosas ovalares alcançaram dimensões que variavam entre 7x10 e 10x15 milímetros de diâmetro.

Exame microscópico das escamas — Retiramos algumas escamas e as deixamos clarificar a frio, entre lâmina e lamínula, durante 24 horas, em solução de potassa a 30%. Os campos da preparação microscópica são em geral muito ricos de filamentos micelianos (*figura n.º 8*). Nota-se nessas escamas dois aspectos que convem assinalar:

1.º) Pontos há em que o cogumelo se mostra como amontoado de elementos muito curtos, na maioria arredondados ou ovais e de tamanho desigual. A um exame pouco detido pareceria à primeira vista tratar-se de amontoado de esporos de forma e tamanho um pouco diferentes, quando na realidade, o que há não é senão um novelo feito do emaranhamento de micélios curtos cujos artículos polimorfos simulam, na superfície, esporos de vários aspectos.

2.º) Em outros pontos, e mais frequentemente, o cogumelo tem a forma de filamentos micelianos longos, sinuosos, dicotomiza-



FIG. 8

Micélio do *A. gallinae* na epiderme de lesões experimentais humanas
Aumento: 465 x.

dos, que se entrecruzaram desenhando tralhas de malhas largas e irregulares. A espessura desses filamentos é bastante desigual, variando do simples ao dobro e mesmo, para alguns, ao triplo. São todos eles subdivididos por septos em artículos breves, sub-cúbicos, arredondados e ovoides. Artículos assim de diversas formas e dimensões, por fazerem parte de um mesmo filamento miceliano, dão a este uma conformação bastante irregular e emprestam ao quadro de conjunto um curioso aspeto polimorfo.

Exame histológico das lesões experimentais — Foi feita biópsia de uma das lesões experimentais humanas, no 11.º dia da sua evolução. Incluído o fragmento em parafina e corado pela hematoxilina-eosina, pode-se ver que:

- 1) a *derme*, sobretudo ao nível do corpo papilar, mostra um acentuado edema interfascicular e infiltração de células redondas; seus vasos sanguíneos estão dilatados e muitos deles apresentam agrupamentos de hemátias. As papilas dérmicas são alongadas e separadas umas das outras mediante largas cunhas epidérmicas;

- 2) a *epiderme*, espessada no seu todo mas sobretudo a custa da camada de Malpighi, traz em sua superfície, aquí e acolá, pequenas massas em forma de menisco biconvexo incluídas entre duas fitas de camada córnea. Esses meniscos revelam-se, ao exame com maior aumento, constituídos de uma feltragem cerrada de micélios cujos artí-culos mais ou menos retangulares ou cúbicos são percepti-veis nos pontos mais nítidos da preparação. Trata-se de formações que devem ser interpretadas como “godets” microscópicos.

CONCLUSÃO E COMENTÁRIOS

Baseado nas pesquisas micológicas e experimentais acima re-feridas, fica seguramente identificado o *A. gallinae* como cogumelo responsavel da lesão do caso em apreço. A necessidade desse rigor de provas resulta do fato de serem raríssimos na literatura médica os casos de infestação espontânea humana pelo *A. gallinae*.

Sabouraud, em 1910, no clássico tratado sobre as Tinhas, diz no texto que esse cogumelo não fora ainda observado em estado espontâneo no Homem; retifica em seguida essa afirmação com a seguinte nota: “*No momento em que corrijo estas provas, um dis-cípulo do serviço Dr. Brocq acaba de tirar de uma lesão tricofítica de Homem uma cultura muito certa de ACHORION GALLINAE. Acabo de fazer sua identificação*” (1, pag. 553). Não obstante, em 1936, no volume II da “*Nouvelle Pratique Dermatologique*”, nas poucas linhas que dedica ao *A. gallinae* volta a afirmar que este cogumelo nunca foi encontrado no homem, razão porque ele só o menciona. “*Cette espèce n'a encore jamais été recontrée sur l'homme, nous ne ferons que la mentionner*” — (7, p. 125).

Tambem são da literatura médica estrangeira as seguintes duas outras referências a casos de infestação espontânea humana pelo *A. gallinae*:

Em 1921 Haupt (8) apresentou em Berlim na Sociedade de Dermatologia uma cultura de *A. gallinae* obtida de um gato que contaminara um família inteira — Em 1926, A. Sartory, A. Petges et R. Sartory (9) relatam em conjunto uma afecção cutânea crô-nica apresentada por um empregado de estrada de ferro no Came-run. Dessa dermatose, constituída de placas eritêmato-escamosas, arredondadas ou festonadas, marginadas, com aspeto de certas pla-cas de epidermofícia, foi isolado como cogumelo o *A. gallinae*.

Entre nós é atribuída a Silva Araujo Pai a verificação de um caso de afecção espontânea do homem pelo favo aviário. Pedimos vênia para divergir dessa opinião, pois que o exame detido da comunicação desse ilustre Colega, feita em 1889 ao 1.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (10), mostra não haver elementos para uma afirmação de tal ordem. Aliás o caso apresentado ao Congresso o foi a título de "*pro-diagnose*". Qualquer identificação desse caso como micose aviária só poderia ter sido feita ulteriormente, também porque, não obstante já ser conhecido no mundo médico o favo da crista dos galináceos (Gerlach, 1858-1859; Leisering, 1858-1864; F. Müller, 1858; Mégnin, 1881; etc...), seu parasito só foi identificado em 1890 mediante culturas obtidas por Duclaux, e apresentadas por Mégnin à Sociedade de Biologia de Paris.

A comunicação de Silva Araujo Pai é sem duvida excelente pela clareza com que foram observados e expostos os fatos; estes podem ser, porisso mesmo, submetidos a uma análise segura.

Damos aquí primeiramente excertos da comunicação. Trata-se do seguinte:

Uma mocinha de 15 anos cuida de uma galinha de estimação "*afetada de uma molestia das pernas muito pruriginosa*", raspando com um alfinete as pernas do mesmo animal. "Esta galinha era uma das muitas que no galinheiro se apresentavam atacadas de uma moléstia epidêmica que ali grassava...". "Diversos desses animais haviam sucumbido, depois de demonstrarem grande sofrimento, prurido intenso e excitação anormal...". Duas dessas galinhas foram observadas durante muitos dias notando-se que: "As duas galinhas apresentavam notavel magreza. Comiam bem os grãos de milho que se lhes atirava, mas apenas acabavam de fazê-lo, denotavam grande agitação, que parecia motivada pelo prurido experimentado nas pernas. As galinhas procuravam de fato arrancar certas crostas que lhes cobriam esses membros. Neste afã conseguiam realmente arrancar pedaços das referidas crostas, ferindo-se muitas vezes, a ponto de correr sangue. Erravam de quando em vez o alvo e beliscavam as coxas, donde arrancavam penas e pedaços de pele, ficando os músculos a descoberto. Quando soltas em um pátio ajardinado da Policlínica, distraíam-se um pouco em catar insetos, vermes e detritos orgânicos pelo solo, como é hábito desses animais esgravatando os canteiros; mas em breve, concitadas sem dúvida pelo prurido, voltavam à faina das beliscadelas nas pernas. O aspeto destas era sumamente curioso. Parecia que sobre elas havia sido colocada espessa camada de gesso sujo, irregularmente depositado, formando elevações e depressões, de modo que em certos pontos era consideravel a grossura das pernas das galinhas. Esta substância, que parecia calcárea, destacava-se, quando raspada, sob forma de pó branco ou amarelado".

"Na cabeça da moça igual aspeto se notava. As massas estranhas eram aí mais claras, menos secas e duras, mas suscetíveis de dissociação, como a das galinhas. Os pelos atravessavam estas crostas em diferentes direções e caíam espontaneamente, deixando várias superfícies glabras. Em alguns pontos viam-se vesículas, vesico-pústulas e pústulas, mas a maior extensão da cabeça era ocupada pelas crostas já descritas. Todo o couro cabeludo foi atacado por seções distintas, interpoladas de partes aparentemente poupadas...". "A epilação era de todo impossível, tal a dor que a doente acusava às menores trações".

A dor era tão acentuada que para efetuar-se a epilação foi necessário fazer anestesia local.

"Não se notava no couro cabeludo grande inflamação, e a que existia era mesmo em partes circunscritas, sem caráter algum de difusão; mas a despeito deste caráter tórpido da afecção, as papilas dérmicas deviam estar extraordinariamente sensíveis, pois o menor contato com o couro cabeludo provocava dores violentas."

... "O emagrecimento da doente era considerável, a inapetência quase absoluta e, em consequência das dores que a afligiam, quase impossível se tornava o sono."

... "Os exames bacterioscópicos das crostas e pelos da doente, bem como das crostas das galinhas, foram confiados ao Dr. Afonso Ramos. Este colega encarregou-se também da cultura do micróbio retirado dessas crostas, e o resultado de seus estudos se acha consignado nas seguintes notas...:"

"Os cabelos achavam-se bastante alterados em sua estrutura, principalmente no bulbo, onde se apresentava o seu tecido conetivo protetor completamente despedaçado. A pigmentação achava-se irregularmente distribuída, sendo que em alguns pontos era muito mais profusa do que em outros. O processo inflamatório atingiu o bulbo em todas as suas camadas, o que explica as condições em que os cabelos se achavam na cabeça da doente, isto é, sensivelmente dolorosos à menor pressão ou tração, e destacando-se com a maior facilidade."

"Retirado, com todos os cuidados que se exige nos métodos de cultura, um pouco do líquido concreto de uma das pústulas, a qual foi profundamente incisada, encontrei grande quantidade de cocos, ora isolados, ora constituindo zoógleas."

"Com este mesmo líquido inoquiei alguns tubos de cultura de gelatina, onde os mesmos cocos se desenvolveram com grande rapidez, sendo que neste meio eram eles dotados de movimentos."

"Com a galinha procedi da mesma forma, extraindo, com toda a antissepsia, um pouco da substância de aspeto calcáreo, que constituía as excrescências mais ou menos difusas que cobriam as pernas do animal, tendo o cuidado de retirar essa matéria de camadas bem profundamente situadas. As culturas do micróbio encontrado na galinha deram, desde o segundo dia, bastonetes que se viam, logo que atingiam certas proporções, que eram dotados de movimento. Estes bastonetes quando coloridos eram-no somente nos extremos, resistindo a parte central à impregnação da substância corante."

"Nas culturas, quer do conteúdo da pústula, quer da massa concreta da galinha, só se desenvolveu um micróbio. Eram culturas perfeitamente puras."

Tendo assim fornecido os resultados microscópicos e das culturas, Silva Araujo Pai passa mais adiante a discutir o diagnóstico da dermatose da moça, nos seguintes termos:

... "O diagnóstico ali só poderia oscilar entre a *tinea favosa* (*Trichomyces pustulosa* de Auspitz) e o *eczema impetiginoso*. Quem tivesse, porém, prática de ver tinhosos, desde logo rejeitaria esta hipótese. Nem um *favus* isolado existia (forma *lupinosa*) e as crostas, que se poderiam supor aglomerações de velhos *favi*, formando então os *scutula* descritos pelos autores, em nada se pareciam, depois de detido exame com esses *scutula*."

"A forma *squarrosa* seria a que mais se imporia ao espírito, se as crostas nesta moléstia, que o orador está descrevendo, não fossem tão caracteristicamente diferentes das dessa forma de *tinea favosa*."

"Um argumento, porém, de maior força é o seguinte: nem o orador nem o Dr. Afonso Ramos puderam, a-pesar dos mais reiterados exames microscópicos, encontrar o mais ligeiro vestígio de *Achorion Schoenleinii*, o parasita produtor da *tinha favosa*, o qual é, aliás, pelas suas relativamente grandes proporções, de fácil reconhecimento."

"Quanto à *tinha tonsurante*, não se poderia pensar nela, à vista dos sintomas descritos, e nem o microscópio revelou, no exame dos pelos, a presença de *Trichophyton tonsurans*, seu parasita produtor."

"De um *eczema impetiginoso* poderia parecer este caso, se a inflamação fosse mais intensa, as pústulas em maior número, as crostas com o aspeto francamente purulento que o caracterizam, se a secreção melitúrica, tão própria desta afecção, ali existisse, se a moléstia se estendesse também para as partes circunvizinhas da pele, excedendo os limites pilosos, enfim, se se notasse aquele aspeto tão típico do *eczema*, que tão facilmente se impõe, na maioria dos casos, aos olhos do clínico..."

O orador conclue não estabelecendo no momento o diagnóstico.

* * *

Como se vê dos largos excertos acima transcritos, na excelente comunicação do Dr. Silva Araujo é traçado admiravelmente bem o quadro clínico de ambas as moléstias, a das galinhas e a da moçinha; os exames de laboratório foram repetidos e minuciosos; a discussão diagnóstica foi feita com evidente competência.

Mas de tudo resulta que, no caso em questão, devemos nos ater às próprias conclusões do autor da comunicação que, em se baseando no quadro clínico e nos exames microscópicos e culturais, exclue a hipótese de um favo e de uma *tinha tonsurante*, e, dizemos nós,

exclue com isso também a hipótese de qualquer outra dermatomycose. Contudo queremos, para maior clareza, enumerar nossas objeções fundamentais:

1.º) O quadro clínico humano, como bem frisa Silva Araujo, em muito difere do de uma tinha favosa ou tonsurante. Lembraria mais o de um eczema impetiginoso se certos sintomas fossem mais acusados ou presentes.

Ou então, acrescentamos, poderia estar no grupo das coccides eczematiformes do couro cabeludo (Sabouraud), cujo aspecto clínico é extremamente polimorfo (eczematide psoriasiforme de Darier ou paraqueratose psoriasiforme de Brocq, etc.).

2.) Dá maior relevo à hipótese de um eczema impetiginoso e de uma eczematide mais ou menos inflamatória a presença de cocos (“profusa” — pag. 31 da comunicação) nos cabelos e crostas do couro cabeludo, revelados pelo exame microscópico e em cultura pura.

3.º) Contraria absolutamente o diagnóstico de uma micose a ausência de filamentos micelianos nos cabelos e nas crostas, procurados por Silva Araujo e pelo Dr. Afonso Ramos e não encontrados “*a-pesar dos mais reiterados exames*”. Muito justamente faz Silva Araujo, dessa ausência de cogumelos “*o argumento de maior força*” contra a hipótese de um favo e também de uma tinha tonsurante. Os filamentos micelianos dos Dermatomicetos, como é sabido, são de fácil pesquisa, especialmente em se tratando de lesão clínica tão evoluida e, no caso, eles foram procurados em *reiterados* exames.

4.º) A doença das galinhas, minuciosamente descrita, em nada se parece com o favo aviário. Não há, na comunicação, a menor referência a lesões da crista ou mesmo da cabeça desses animais, quando é conhecido serem essas regiões as que em primeiro lugar são atacadas e com frequência são a sede exclusiva da moléstia. O favo aviário pode às vezes, em verdade, nas galinhas mantidas em péssimas condições higiênicas, generalizar-se à pele do corpo todo, provocando a queda das penas com o aparecimento de lesões circinadas tricofitoides. Sem embargo, nesses casos, também a crista é atacada e de modo acentuadíssimo.

As galinhas da comunicação de Silva Araujo sofriam de moléstia que se caracterizava por dois sintomas: as crostas, localizadas *unicamente nas pernas*, e o prurido tão intenso que provocava ne-

las grande agitação e que as levava a bicarem os próprios membros, ferindo-os "*a ponto de correr sangue*".

Demos conhecimento textual da descrição clínica dessa moléstia, conforme vem na comunicação de Silva Araujo, a um ilustre colega especializado em doenças das aves. Ele também, exclue a possibilidade de se tratar de casos de favo aviário; o quadro clínico sugere-lhe a hipótese de uma dermatose devida a acarianos.

Em conclusão, o simples fato de lesões do couro cabeludo aparecerem em pessoa que cuidava de ave doente não é suficiente para esteiar o diagnóstico de uma moléstia tão extremamente rara como é o favo humano espontâneo provocado pelo *A. gallinae*.

Impossível é ainda mais essa afirmação em caso como esse em que nem o quadro clínico humano e nem o das galinhas indicam com segurança uma Dermatomicose, — e em que, sobretudo, a pesquisa reiterada de Dermatomicetos nas crostas e cabelos, pelo microscópio e pela cultura, foi sempre negativa.

A conclusão não diferente tinha aliás chegado o Dr. Silva Araujo Pai a cuja memoria rendemos respeitosa homenagem.

RESUMO

Visto ser extremamente rara a infestação humana espontânea por *Achorion gallinae*, o autor crê oportuno referir um caso por ele observado em S. Paulo.

Trata-se de uma menina de 8 anos de idade que tinha por hábito brincar com galinhas e afagá-las contra o rosto. Veiu á Consulta com uma lesão de herpes circinado da pele glabra localizada na região malar esquerda. O exame direto das escamas revelou ao microscópio a presença de filamentos micelianos; a cultura mostrou ser esse cogumelo o *A. gallinae*.

Não obstante serem as culturas absolutamente típicas, não faltando nas colocadas em estufa a 30°C. a presença de abundante pigmento rosa difundido no meio, o que emprestava a este o aspeto de geleia de framboesa, quís o autor contudo cercar-se de todas as provas para testemunhar a segura identificação do *A. gallinae*.

O trabalho, porisso, refere:

- o desenvolvimento macroscópico das culturas em diversos meios (Sabouraud maltosado e glicosado, batata simples e glicerinada, e meio de conservação);
- a observação do aparecimento do pigmento rosa framboesa nas culturas em estufa;
- o estudo micológico do fungo feito em culturas sobre lâminas, o que pôs em evidência seus órgãos diferenciados;
- o estudo experimental mediante inoculação em galináceos e indivíduos humanos, obtendo lesões típicas respectivamente de favo aviário e de epidermomicose, sendo que dessas lesões foram conseguidas facilmente retro-culturas de *A. gallinae*;
- o exame histológico das lesões experimentais humanas e aviárias com a demonstração da presença de “godets” microscópicos entre os estratos da camada cornea.

Veem em seguida citados os únicos trabalhos da literatura médica estrangeira sobre infestação humana por *A. gallinae*.

Dado que, entre nós, é atribuída a Silva Araujo Pai a verificação de um caso de afecção espontânea humana pelo favo aviário, o autor analisa pormenorizadamente a comunicação de Silva Araujo concluindo não haver nela elementos para afirmar que as dermatoses — tanto a humana como a da galinha — nela referidas, possam ser identificadas como dermatomicoses devidas ao *A. gallinae* ou a outro qualquer cogumelo.

SUMMARY

Being extremely rare the spontaneous human infestation by the *Achorion gallinae*, the A. thought it might be interesting the publishing of a case observed by him.

The patient, a girl 8 years old, had the habit of playing with chickens, bringing them in contact with the face. She went to the A.'s Clinic with a circinated herps of the glabrous skin of the left malar region. The microscopic examination of the scales showed mycelian filaments and the culture proved it to be the *A. gallinae*.

Although the cultures were absolutely typical, there not lacking, in those left in the oven at 30° C., plenty of rosy pigment im-

pregnating the culture medium and imparting to it the strawberry gelly aspect, the *A.* decided, nevertheless, to produce all the proves for the sure identification of the *A. gallinae*.

The work deals with:

- the macroscopic development of the cultures in several media (Sabouraud with maltose or glucose, potatoes either simple or with glicerín and conservation medium);
- the observations of the development of the strawberry rosy pigment in the cultures kept in the oven;
- the mycological study of the fungus cultivated on slides which showed its differentiated organs;
- the experimental study, by the inoculations into poultry and human beings, which gave typical lesions of the avian forms and human epidermomycosis and from which new cultures of *A. gallinae* were easily obtained;
- the histological examinations of the experimental lesions with demonstrations of microscopic scutula between the horny layers of the epiderm.

Next are cited the few foreign works met with in the medical litterature about the human infestation by the *A. gallinae*.

Since in Brazil, it is attributed to Silva Araujo (father) the reporting of a case of spontaneous human affection by the avian favus, the *A.* closely analyses Silva Araujo's work and concludes that there are not in such work the proofs to enable one to say that the dermatosis — the human as well as the avian — referred to in that work, might be identified to those due to *A. gallinae* or any other fungus.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — SABOURAUD, R. — 1910 — Les maladies cryptogamiques — Les Teignes Masson et C. — pag. 567.
- 2 — REIS, J. e P. NOBREGA — 1936 — Tratado de doenças das aves — Edição do Instituto Biológico de S. Paulo.
- 3 — MASTROFRANCISCO, N. — 1940 — Contribuição para o estudo do "favus" aviário — Revista de Industria Animal, 3 (nova serie), n.º 1. pgs. 146-156.

- 4 — MAGALHÃES, OCTAVIO e AROEIRA NEVES — 1926 — Ensaio de Micologia (Contribuição para o estudo dos cogumelos em Belo Horizonte) "Mem. do Inst. Oswaldo Cruz". Tomo XIX — Fasc. II.
- 5 — PINTO CESAR — 1934 — Contribuição á Higiene Veterinaria — O Campo — Setembro 1934 — pg. 17.
- 6 — SABRAZÈS, JEAN — 1893 — Favus de l'homme, de la poule et du chien — Ann. de Dermat. et de Syphiligr. Tome IV — pg. 340.
- 7 — DARIER, J., SABOURAUD, GOUGEROT, MILIAN, PAUTRIER, RAVAUT, SÉZARY, SIMON — 1936 — Nouvelle Pratique Dermatologique — Tome II — Masson et C."
- 8 — HAUPT — 1921 — Trichophytie der Katze durch *A. gallinae*, an der sich eine ganze Familie mit Favus infiziert hatte. Berlin, Dermat. Ges. 8-XI-1921 — Dermat. Zeitschr. B. 37, S. 104; e em C. Bruhns und A. Alexander — 1928 — Allgemeine Mykologie — B. XI — Handbuch der Haut — und Geschlechtskrank. herausg. von J. Jadassohn.
- 9 — SARTORY, A., A. FETGES et R. SARTORY — 1926 — Étude d'une épidermo-mycose causée par l'agent de la teigne de la poule "*Achorion gallinae*" Sabrazès — Bull. de l'Acad. de Méd. vol. 95 — n.º 20 — pg. 510.
- 10 — ARAUJO, SILVA — 1889 — in: 1.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro — pg. 28-33.